

EDITORIAL

Caminhos híbridos na criação midiática

RuMoRes, revista científica online dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias, traz em seu número 18 uma seleção de artigos que se dedicam a uma variedade de objetos, desde aqueles percebidos como ficcionais até os mais dados aos fatos. Dos estudos da imagem, especialmente audiovisual, passando pelo jornalismo e pela publicidade, elencamos textos que, à segunda mirada, revelam objetos situados em um ambiente híbrido, tanto no sentido de não marcarem campos de conhecimento estanques como de recusarem uma pureza de materialidades estéticas que os endossem. Estamos, assim, num terreno fértil para pensar novos caminhos para a criação midiática.

Como propomos no Dossiê desta edição, é preciso refletir sobre a *Hibridização das linguagens imagéticas*. Ela está no acesso a uma cidade através de uma leitura turisticamente documentarizante, como abordado por Ricardo Ferreira Freitas, Ana Teresa Gotardo e Cristina Nunes Sant'anna em *A marca Rio: o turismo nos documentários sobre a cidade*, a partir de dois documentários estrangeiros de televisão sobre turismo: *1000 places to see before you die* e *Brazil with Michael Palin*. Está também no olhar sobre a materialidade da própria televisão, em sua ambiência e ambivalência de representação, como no artigo *Materialidade televisiva e ambiência belle époque na minissérie Mad Maria: a lógica sensorial na minissérie como dilema*, de Solange Wajzman e Mariana Christina de Farias Tavares. Esse compromisso com os hibridismos pode ainda estar presente na tomada feita sobre os objetos analisados, caso em que a ambivalência se coloca na relação com o suporte, como abordado em *The Voice: novas formas de participação e interação na segunda tela*, de Daiana Sigiliano e Gabriela Borges.

Podemos pensar que, de algum modo, a relação com as formas híbridas busca recobrir uma demanda por dar voz à pluralidade, à diferença, ao diálogo tornado possível. Em ambiente com a presença de sons muitas vezes ruidosos, perguntamo-nos o que se cala, como em *As vozes e o silêncio em Cartola, música para os olhos*, contribuição de Sérgio Puccini, desafiando a separação entre o registro do audível e do visível. Perguntamo-nos, ainda, sobre o que se perde e o que se agrega quando observamos as tentativas de transposição de linguagens, como em *Diálogo e ruptura: o processo da hibridação entre as linguagens na criação da microssérie Capitu*, de Graziela Soares Bianchi e Adriana Pierre Coca. Nessa somatória de discursos parece estar colocada a possibilidade de contato com algo da ordem do verdadeiro, como nos termos da verossimilhança em *A sedução de Império: surrealismo versus verossimilhança no viés da ficção televisiva*, de Robéria Nádia Araujo Nascimento.

Mas qual seria, afinal, o terreno do verdadeiro?, indagamos uma vez mais. Podemos arriscar dizer que o palco privilegiado para o encontro e o choque entre narrativas e objetos híbridos é aquele da cidade. O corpo de artigos de nossa edição apresenta três textos especialmente com esse enfoque. Se o encontro se dá na vida das ruas, buscamos as intervenções urbanas, como em *Superfície da cidade: arte, cotidiano e política nas intervenções urbanas*, de Ana Karina de Carvalho Oliveira, Cláudia Graça da Fonseca e Angela Cristina Salgueiro Marques. A visibilidade de tais intervenções se daria, então, através de uma narrativa midiática, como aquela proposta pelo jornalismo no artigo *Cidades visíveis: a esquina da experiência urbana com o jornalismo*, de Ana Cláudia Peres. Ou, ainda, na forma de intervenção sobre uma visibilidade retalhada sob a marca da violência, como em *Maré sitiada: o discurso midiático sobre a ocupação militar do Complexo da Maré*, de Renata da Silva Souza.

Entendemos que o desafio que se coloca perpassa as tematizações sobre o urbano, situando-se no nível da enunciação e dos modos de produção dos discursos. Temos a percepção da nomeação de paráfrases e polissemias como marcas da produção discursiva em *A criatividade em jogo: paráfrase e polissemia*

no processo de produção do discurso publicitário, de Fábio Hansen. Um certo jogo também é referido na ambiguidade da projeção especular assumida em *A projeção especular da imagem do artista e o jogo de enunciação*, de Carolina Tomasi.

Em diálogos com o campo do jornalismo, podemos observar os hibridismos na forma de uma postura política e estética que marca certa prática profissional. Isso se verifica na preocupação com a liberdade de tal ofício, como no artigo *A utilização da Lei de Acesso à Informação pela imprensa: análise dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo*, de Solano dos Santos Nascimento, Georgete Medleg Rodrigues e Luciana Kraemer. Outro modo de recortar tais discursos tem sido pensado por meio de metodologias elaboradas nas mídias digitais, como a recuperação de *hashtags* em *A copa em tweets: Análise do uso das hashtags #EstadaonaCopa e #BairristanaCopa*, de Gabriela da Silva Zago. Esses discursos são recortados, ainda, na berlinda entre uma noção de contrato empresarial e a possibilidade de uma mídia independente, também atrelada ao ambiente digital, como em *Quem assinou o contrato com o Mídia Ninja?*, de Antonio Augusto Braighi. Tais aberturas desafiam tanto os limites dos suportes quanto a proximidade com o engajamento e o consumo midiáticos, como analisado a partir de publicações no metrô da cidade de São Paulo no texto *Comunicação, linguagem e consumo: uma análise de discurso nos limites da publicização*, de Frederico Jorge Tavares de Oliveira.

Como num ciclo, depois de transitarmos entre ambientes ficcionais e referenciais, voltamos às produções híbridas no artigo *Narrativas transmídias e uma cosm(o)ética ativista e jornalística na Copa do Brasil*, de Gisella Meneguelli Sousa. A essa preocupação vem somar-se aquela voltada ao campo da crítica midiática, em *Crítica melodramática e crítica suja: uma introdução*, de Thiago Ansel. Ainda em perspectiva crítica, as narrativas proficuamente híbridas das séries televisivas são o recorte ao mesmo tempo estético e temático da análise empreendida em *Felicidade com vista para o mar: a construção discursiva do relacionamento amoroso na série 3 Teresas*, de Silvia Gois Dantas. Ao longo desse

conjunto ao mesmo tempo diverso e coeso de textos, buscamos zonas limítrofes, ressaltadas no último artigo apresentado, *Demarcando fronteiras na tela da TV: as representações de alteridade na cobertura jornalística internacional*, de José Augusto Mendes Lobato.

Ao encerrar mais um ano, renovamos o compromisso de **RuMoRes** com o debate e a difusão de conhecimentos abrangentes e questionadores, estejam essas fronteiras nas telas midiáticas, aquém e para além delas, e nas reflexões propostas pelos autores aqui reunidos.

Boa leitura a todos!

Rosana Soares e Andrea Limberto